

1. IDENTIFICAÇÃO DO BEM

Designação: Casa de Santiago.

Localização: Rua de Vila Franca 134, 4450-802 Leça da Palmeira, Matosinhos.

Proprietária: Câmara Municipal de Matosinhos.

Categoria: Monumento.

Gradação do interesse cultural: Interesse municipal.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

A Casa de Santiago, denominada anteriormente de Casa de Vila Franca, adotou o nome do seu proprietário João Santiago de Carvalho e Sousa que a mandou construir na última década do século XIX. O relevante interesse cultural que hoje é reconhecido a este imóvel, deve-se a uma convergência de diferentes contextos que lhe construíram a identidade - que o mesmo guarda - e que nos compete interpretar. Esses contextos são transportados nos dois mundos que proprietário e arquiteto, de *per si*, transferem para o resultado arquitetónico. De facto, o imóvel com que hoje nos deparamos resulta do encontro destes dois homens, cada um com a sua realidade, ambas absolutamente compreendidas pela erudição de Fernando Távora no restauro que efetuou durante a década de 1990. Destacam-se os seguintes contextos.

2.1. Político e social.

Politicamente, viviam-se os períodos conturbados do interesse das potências europeias por África, da presença de Inglaterra, da França e da Alemanha naquele continente, da apresentação do mapa cor-de-rosa em 1886, representativo da pretensão portuguesa de soberania dos territórios entre Angola e Moçambique, e do ultimato britânico de 1890, com os prejuízos que daí advieram para o governo monárquico português. Toda esta realidade envolvente contemporiza com o ideário nacionalista, presente na cultura e na arte então produzida.

A sociedade do virar de século contava com uma classe dominante de industriais, comerciantes, detentores de grandes propriedades agrícolas e personalidades que dirigiam casas e companhias financeiras em Lisboa e Porto. A elite económica e social de Lisboa, que nos meados de oitocentos construíra casas de veraneio em Sintra, nos seus finais passou a fixar-se no Estoril, junto a Cascais, localidade então de vilegiatura da corte, em complemento de Sintra. Essa fixação é facilitada com a acessibilidade permitida pela construção da linha de caminho de ferro de Lisboa (Pedrouços) a Cascais, concluída em 1889, que sucedeu à não menos influente abertura da estrada de Sintra a Cascais em 1868. A aristocracia e a burguesia em Lisboa elegem as povoações marítimas de Pedrouços, Paço de Arcos, Estoril e Cascais, como locais de vilegiatura. No Porto, a moda de veraneio leva a sua sociedade, impulsionada também pelos hábitos da colónia inglesa residente na cidade, a fixar-se nos lugares de S. João da Foz, Matosinhos e Leça da Palmeira, nos meses de banhos. O desenvolvimento dos transportes

nas ligações do Porto com os seus arredores no final do século dá, então, um contributo significativo para essa fixação. Mais tarde, muitos vêm a estabelecer residência definitiva nesses locais.

2.2. Correntes culturais e artísticas.

O romantismo, como movimento artístico, filosófico e político nascido durante a segunda metade do século XVIII, percorre todo o século XIX implantando-se em todas as manifestações artísticas e culturais da sociedade portuguesa do final do século, um tanto tardiamente. Revela-se na arquitetura pela reinterpretação dos estilos do passado, na busca de uma genuinidade nacional. Nos edifícios concebidos neste modo, verifica-se a utilização de elementos arquitetónicos daqueles, primeiro do gótico, especificamente do manuelino e, mais tarde, no românico, nas feições de neogótico e neorromânico, entre outras releituras historicistas, como o então denominado estilo mourisco.

2.3. A casa e o gosto dominante na arquitetura residencial da época.

Nas moradias, palácios, palacetes, “chalets” e “cottages” que a elite lisboeta constrói no Estoril e Cascais para residência ou para vilegiatura, adota-se o historicismo de que resultam edifícios de um ecleticismo por vezes muito exacerbado. Mencionamos apenas alguns exemplos:

- a) Palácio dos Duques de Palmela, em Cascais, de 1873, do arquiteto inglês Tomas Henry Wyatt;
- b) Palácio dos Condes de Castro Guimarães ou Palacete O’Neill –Castro Guimarães, em Cascais, de 1900, de Francisco Vilaça e dos arquitetos Albrecht Haupt e Luigi Manini;
- c) Casa de Santa Maria, projeto do arquiteto Raul Lino, para a filha de Jorge O’Neill, (e) cuja construção foi iniciada em 1902;
- d) O Palacete projetado pelo arquiteto Cesare Ianz, no Estoril, que um negociante, de nome Barros, construiu em 1900.

3. O MUNDO DE NICOLA BIGAGLIA

Nicola Bigaglia fazia parte deste mundo de encomendas de projetos, feitas por proprietários que desejavam construir palacetes à altura do seu estatuto de elite social.

Projeta uma moradia na Parede, conhecida por *Casa das Pedras* para o Comandante e Capitão-de-fragata Manuel de Azevedo Gomes, que ficou concluída em 1904;

Projeta também a Casa da Condessa de Edla, na Parede, construída em 1901;

Este arquiteto, aquarelista e modelador, nascido em Veneza em 1841, radicou-se em Portugal na década de 1880. Regressou a Veneza em 1908, onde faleceu nesse mesmo ano. Foi professor nas escolas industriais de Leiria e na Afonso Domingues, em Lisboa, tendo dado aulas de modelação ornamental. Para além das casas na Parede referidas, deixou na região de Lisboa uma vasta obra de edifícios, entre os quais:

- a) O Palácio Lima Mayer, mandado construir pelo industrial Adolfo de Lima Mayer, na Rua do Salitre, projetado em 1899, concluído em 1901, prédio onde está atualmente instalado o Consulado de Espanha, obra a que foi atribuído o primeiro Prémio Valmor, em 1902. No jardim deste palácio estabeleceu-se o Parque Mayer, em 1921;
- b) O Palacete Leitão, datado de 1904, residência do primeiro proprietário, o joalheiro José Pinto Leitão;
- c) O Palácio Lambertini, na Avenida da Liberdade, mandado construir pelo músico, maestro e comerciante Michel' Angelo Lambertini, em 1901;
- d) O Palácio Vale Flor, mandado construir por José Luís Constantino Dias, fazendeiro português em São Tomé e Príncipe, Marquês de Valle Flor, projeto a que Nicola Bigaglia esteve ligado entre 1905 e 1906.

Pelo resto do país projetou também numerosos edifícios dos quais destacamos:

- a) A Casa dos Cedros, edifício de viragem do século, que estava em conclusão em 1902, corresponde a uma construção anexa ao edifício principal do Palace Hotel do Buçaco, de Luigi Manini;
- b) O palacete dos Viscondes de Lagoa, em Silves, construção iniciada em 1907;
- c) O Teatro Dona Amélia, em Setúbal.

4. JOÃO SANTIAGO DE CARVALHO E SOUSA

João Santiago de Carvalho (1855-1930) nasceu no Porto, no seio de uma família da nobreza, com raízes em Guimarães. Casou em 1885 com Maria Carolina Magalhães (1868-1954), filha de um grande industrial têxtil, sediado em Cedofeita. Deste casamento nasceu um filho, Dinis Santiago de Carvalho (1888-1933).

João Santiago cresceu na propriedade da família, no Paço de S. Cipriano, em Tabuadelo, Guimarães, tendo o seu irmão morgado herdado esta casa, da qual fez residência. A propriedade acabou por ser mais tarde adquirida por João Santiago e Maria Carolina, por compra ao morgado.

5. A CASA E O CONTEXTO DE LEÇA DA PALMEIRA

5.1. ENQUADRAMENTO

A construção dos molhes do Porto de Leixões, como porto de abrigo, iniciam-se em julho de 1884; a entrega provisória da obra verifica-se em 1892 e a definitiva em 1895. Contudo, dada a necessidade extrema do porto, já a 9 de novembro de 1886, Leixões recebia o primeiro vapor e nos oito anos seguintes, antes da entrega definitiva da obra, entrariam no porto 2 308 navios e embarcariam 30 275 passageiros.

Na mesma época, João Santiago de Carvalho fixa a sua residência em Leça da Palmeira, junto à foz do Rio Leça. Para a casa que imaginou para si, procura a aproximação romântica à paisagem que outros procuraram no Estoril e em Cascais. Tem também a mesma conceção historicista que exterioriza nas gravuras que faz, de um revivalismo demonstrado na torre e janelas manuelinas, e que servem para comunicar com o arquiteto a quem confiara o projeto. A escolha de Nicola Bigaglia, arquiteto dos palacetes da elite, dá garantias de uma casa condizente com o estatuto social que pretende ver representado.

Os desenhos do projeto datam de 1895, construindo-se a casa durante o último quinquénio do século XIX. Projeto e construção da Casa ocorrem com a presença dos molhes e com Leixões a funcionar como porto de abrigo, mas com a Leça ribeirinha na sua feição antiga. A alteração radical desta paisagem só se verificará com a construção da doca n.º 1 iniciada em 1932 e concluída oito anos mais tarde, em 1940. João Santiago de Carvalho, que morre em 1930, já não presenciara esta alteração.

5.2. DESCRIÇÃO DA CASA

5.2.1. Ordenação e caracterização dos espaços.

Os espaços da casa e a sua ordenação, de grande racionalidade, refletem as necessidades da família, seguindo os cânones das mansões europeias da época. Tem dois pisos nobres – o rés-do-chão elevado e o andar dos quartos - e dois pisos de serviço: um piso semienterrado e um sótão.

5.2.1.1. Piso semienterrado

Este piso acolhe os espaços de serviço da casa: cozinha e copa, despensas, aposentos do mordomo (cujas paredes vieram a ser revestidas parcialmente com azulejos do Convento da Avé-Maria do Porto), apoios, um quarto de engomar (transformado em biblioteca por João Santiago), arrecadações e carvoaria. Tem duas portas de ligação direta ao exterior: uma na fachada norte e outra na fachada nascente, com presença discreta e integrada no soco do edifício, correspondente a este piso.

Deste piso parte uma escada que faz uma ligação direta da cozinha e copa à sala de jantar, no rés-do-chão. Parte também uma outra escada que liga todos os pisos da casa, num circuito autónomo de serviço.

5.2.1.2. Rés-do-chão

É o piso de representação da casa, de acolhimento de visitas, com três salas, um quarto de hóspedes que João Santiago, transforma em escritório para si, e uma área de estufa ou jardim de inverno, voltada a sul.

A entrada principal da casa, a este rés-do-chão elevado, faz-se através de uma escada na fachada norte. Transposta a porta principal acede-se ao átrio de receção ou galeria de iluminação muito filtrada por um vitral sofisticado, veneziano, polícromo, em fundo de garrafa. Esta galeria, conduz às salas e ao escritório. Junto à porta da entrada, ladeando-a, parte a escada de acesso ao andar.

5.2.1.3. Andar

A escada chega ao andar, dando para um átrio que repete o da entrada principal no rés-do-chão. No andar distribuem-se três quartos: o quarto de João Santiago, o quarto de Maria Carolina e o quarto de Dinis Santiago, filho do casal. Comporta ainda uma sala que acabou por ficar com ligação direta ao quarto de Dinis Santiago e receber um espaço de oratório. A sala e este último quarto dão para um terraço, voltado a sul, que constitui a cobertura do espaço de estufa do rés-do-chão. Os quartos comportavam um compartimento de *toilette*, cada um. Por vontade do próprio, foi eliminado este compartimento e integrada a sua área no quarto de João Santiago. O piso integra ainda duas áreas de banhos e sanitários.

5.2.1.4. Sótão

O sótão acabou por ficar acessível pela escada única de serviço, embora fossem pensadas outras soluções, incluindo um acesso autónomo do andar à salinha da torre (que seria, assim, utilizada como mirante) que acabou por não se realizar. No sótão foram distribuídos os aposentos dos criados e arrumos.

5.2.1.5. Jardins e cavalariça

A propriedade, cuja área atual corresponde a 17 130 m², desenvolve-se ao longo da Rua de Vila Franca que era, à data da construção da casa, a rua que, partindo da Ponte de Pedra (Ponte dos 19 Arcos), constituía uma ligação de Matosinhos e Leça da Palmeira a Pedras Rubras. Volta para esta rua, com que confina a norte, um muro contínuo de alvenaria de granito que, sendo alto, permite apreciar as árvores e demais vegetação do parque que envolve a casa.

O terreno tem uma configuração alongada, que se desenvolve de poente para nascente. Quase paralela à Rua de Vila Franca, limitava por sul a propriedade um caminho que acompanhava a margem do Rio Leça e que, para nascente, subia a encosta até se encontrar com a Rua de Vila Franca, definindo o contorno do terreno a montante. As duas ruas convergiam e os muros da propriedade que as acompanhavam aproximavam-se até se ligarem por um portão de acesso aos jardins. A partir daí desenvolvia-se a Quinta da Conceição. Esse caminho junto ao Rio Leça aparece com a denominação de Rua de Gonçalves no levantamento de 1944-1952, da CM de Matosinhos.

O acesso à propriedade faz-se por um portão voltado à Rua de Vila Franca, de desenho requintado, estruturado por um portal em cantaria, com um arco no qual se inscrevem o portão de ferro forjado e as colunas de granito que o ladeiam. Esse portão, que corresponde à entrada principal da propriedade, abre para uma alameda que percorre todo o parque até ao portão no topo nascente, dá acesso à Casa e ao edifício das cavalariças mais adiante. O jardim é de inspiração romântica e inclui uma gruta, construída em pedra tosca, que alberga uma fonte, na zona sul. As cavalariças adotam o modelo das casas do norte da Europa, com telhados abruptos e de ardósia, implantando-se junto ao muro confinante com a Rua de Vila Franca.

5.2.2 Aspetos concetuais

A conceção da casa sendo produto da interação entre João Santiago e Nicola Bigaglia, apresenta um resultado de grande contenção formal na utilização de elementos historicistas. À utilização evocativa destes elementos, Nicola Bigaglia acrescenta-lhes um sentido na composição arquitetónica do edifício: A torre de inspiração medieval de João Santiago é transformada no projeto num elemento útil, constituindo o corpo das escadas de ligação entre o rés-do-chão e o andar, comunicando os dois átrios frontais respetivos, de receção e distribuição nesses pisos nobres da casa. Sem deixar de ser torre, esta integra-se na volumetria da casa, soltando-se na parte posterior com um friso de azulejos e pelas janelas divididas em três vãos, nas suas fachadas norte, poente e sul, que transformam a salinha no cimo, em mirante.

A torre tem um papel importante em associação com o portão principal na fixação da casa no local e na estruturação de toda a propriedade. Ela marca percursos e indica a entrada da casa, flanqueando a área central da fachada norte que é recuada. Este recuo junto à torre, a presença da escada que sobe ao piso de representação e o vasto coberto superior com forro de madeira e suportes de ferro forjado, sobre esta área, conferem à entrada da casa o romantismo de evocação medieval, reforçado pelo tratamento dos vãos (em especial a janela com vitral, em três lumes, de arco abatido que ladeia a porta da entrada). Esta evocação desejada por João Santiago, é traduzida no projeto pela assunção da interpretação neorromânica.

Será esta, a interpretação neorromânica, o que mais marca a conceção arquitetónica da casa no seu todo, quer no carácter compacto do seu volume (com uma planta com base quadrada), quer no tratamento dos vãos nas fachadas, quer na configuração dos beirais e telhados, quer ainda no soco de granito de aparelho ciclópico que contorna todo o edifício como figuração de uma fortaleza.

Os espaços interiores, em especial os átrios de entrada e escada principal, estes até na luz coada dos vãos que os iluminam, revelam também o gosto neorromânico, visível na decoração e travejamento de alguns tetos, em portas interiores e detalhes construtivos diversos. Fazendo jus ao seu ecleticismo a casa integra outras abordagens estilísticas e outras experiências do próprio Bigaglia. A sala neoclássica (denominada Salão Luís XVI), será o exemplo mais eloquente, mas é também visível o sabor veneziano na grande janela da sala, na fachada poente. Nos trabalhos de gesso dos tetos, no revestimento das paredes interiores é sensível a formação sólida de Bigaglia na área de modelação ornamental, da qual era professor.

Na Casa de Santiago, o ecleticismo na linguagem arquitetónica e a utilização de elementos revivalistas processam-se de forma elevada e elegante. Acresce a esta atitude, a racionalidade e a probidade na sua conceção, resultando um edifício ao mesmo tempo sofisticado e sóbrio.

Matosinhos, 17 de dezembro de 2020

António Maia

6. ORDENAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS ELEMENTOS DECORATIVOS.

6.1. Entrada Principal

Na entrada da casa “vive-se” um ambiente medieval, visível nos lambris, no teto e na cachorrada em redor deste. A pintura dos espaços entre os cachorros remete igualmente, para o tema dos animais afrontados, acentuando o interesse por motivos vulgarizados na decoração dos ambientes na Idade Média. Outros aspetos decorativos reportam também a uma linguagem medieval, como é o caso dos arcos de volta perfeita, do janelão tripartido, da utilização de um bestiário no espaldar do banco sob a janela, ou ainda na ferragem da porta ao lado desta. A opção cromática, limitada ao vermelho, ao verde e ao dourado, evoca também as soluções pictóricas medievais.

6.2. Fumoir

O Fumoir, estabelecia a comunicação entre os vários espaços do primeiro piso, mas funcionava sobretudo como “sala de fumo”, um espaço onde João Santiago e seus convidados, sobretudo os homens, fumavam e conviviam num ambiente masculino. Localiza-se nesta sala um busto de mármore, da autoria do mestre Teixeira Lopes, que retrata Dinis Santiago.

6.3. São Luís XVI

O Salão Luís XVI, era o espaço mais exuberante e delicado. Os seus tetos apresentam estuques com decoração vegetal e figurativa, com motivos alusivos à dança e à alegria de viver. Trata-se de um espaço fino, frágil e de gosto muito apurado. Todo o friso que rodeia a sala, junto ao teto, bem como a sua composição central, são dominados por figuras de “putti”, bailarinas, laços e grinaldas.

A seda que reveste os muros da sala, em grandes painéis emoldurados por filetes dourados, é original. A tonalidade das cores é extremamente suave, articulando-se com o tom geral da ornamentação. O fogão de sala é enquadrado por pilastras jónicas, mais uma vez componentes obrigatórias do estilo de origem francesa que surgiu no século XVIII. Também na zona de transição para o corpo envidraçado que se debruça sobre o jardim se encontram subtis composições em estuque.

6.4. Sala de Jantar

A Sala de Jantar é de estilo holandês, marcado pela presença de elementos que vão dos azulejos azuis e brancos, possivelmente de fabrico italiano, ao candeeiro cujo modelo é originário da Holanda, passando pelo teto, de caixotões, ou ainda pelos pesados lambris, bem como pelos tecidos de seda verde da época que revestem as paredes.

A porta que separa o salão Luis XVI da sala de jantar é decorada, nas suas duas faces, por elementos dos estilos usados em ambas as salas.

Existe ainda uma porta dissimulada na parede que dá acesso à cozinha e um brasão da família Santiago de Carvalho pintado na chaminé do fogão de sala.

6.5. Jardim de Inverno

O Jardim de Inverno, elemento obrigatório em muitas residências do século XIX, estabelece a ligação da casa à natureza envolvente, tendo num primeiro plano o jardim, com uma visão privilegiada sobre o vale do Rio Leça, cujo “bucolismo” foi decisivo para a sua construção neste local. As grandes vidraças permitem a ilusão de uma “continuidade” entre o espaço interior e o espaço exterior e sublinham a integração da casa no parque.

A salamandra, em cerâmica vidrada verde, provavelmente de origem russa, impõe-se nesta sala branca e fresca, substituindo os fogões de sala que quase todas as divisões apresentam.

Os frisos, de gosto classicizante, pela cor e pelo grafismo, recordam os frisos das casas romanas, cujo desenho era copiado e até “replicado” nas obras de muitos arquitetos e decoradores.

6.6. Sala do Piano

Na Sala do Piano, decorriam serões musicais e literários. Com as paredes pintadas com uma técnica semelhante à dos “grafitos”, esta sala ostentava numerosas telas pintadas, hoje pertencentes, pelo menos em parte, ao Museu Alberto Sampaio, em Guimarães. O atual piano existente na sala pertenceu ao pianista e compositor Óscar da Silva. A pintura do teto e do friso retoma o tema dos animais afrontados, num desenho erudito e muito elaborado. Os animais surgem também na ferragem da porta para o hall e num elegantíssimo friso do fogão de sala, onde “correm” um cão de caça, um coelho e um javali....

6.7. Átrio do Piso do Quartos

No átrio do Piso dos Quartos, nos frisos vegetalista que rematam as paredes das escadas, destacam-se três medalhões pintados a ouro sobre fundo azul e branco, que simbolizam os signos do Zodíaco – Leão, Sagitário e Aquário – os signos dos membros da família Santiago.

6.8. Quarto de João Santiago

O casal Santiago, à semelhança de outras famílias prestigiadas da época, não partilhava o mesmo leito. O quarto de João Santiago é bastante amplo, com uma decoração simples e um ambiente austero, notoriamente masculino (é o único quarto, e um dos raros compartimentos da casa, que não possui fogão de sala ou outro tipo de aquecimento).

6.9. Quarto de Maria Carolina

O quarto de Maria Carolina contrasta com o anterior, possuindo uma decoração mais harmoniosa e requintada, visível nos frisos e teto com pinturas de temática vegetal, bem como nos baixos relevos florais nos painéis da parede.

6.10. Quarto de Vestir

Este aposento destinava-se apenas à dona da casa, Maria Carolina. Era aqui que teria expostas as suas sumptuosas toilettes e um conjunto de adereços que incluía chapéus, sombrinhas, lenços, laços, fitas, flores e leques. Neste quarto a decoração é nitidamente requintada. As paredes são forradas a tecido, desde o lambrim em madeira até aos frisos que rematam as paredes no topo. Os frisos foram pintados a fresco com motivos animais e vegetais, representando ainda um deles um leque e um sobrescrito.

6.11. Quarto de Dinis Santiago

Este quarto é o de menor dimensão. O tom rosa das paredes predomina, em contraste com os tons cinza da pintura das portas e do rodapé. Realce para o friso de papoilas de diversas cores que se situa na parte superior das paredes. As flores são todas diferentes. O quarto possui ainda um pequeno compartimento anexo com um lavatório de louça embutido em armário de madeira.

6.12. Sala do Oratório

Comum em habitações da época, conferia tom “piedoso” e religioso ao aposento. A flor de lis, associada à pureza e à castidade, impera na pintura do oratório. Foi nesta sala que D. Maria Santiago passou a acolher os seus familiares e amigos após ter ficado viúva em 1930.

7. OS TRABALHOS DE RESTAURO 2007-2009

Dever-se-á salientar a adaptação do antigo edifício das cavaliariças a um imóvel polivalente – o Espaço Irene Vilar – que não só abrigará parte do espólio doado em 1976 à autarquia por esta escultora, mas também um pequeno auditório, espaço para exposições temporárias, e espaços oficinais para os ateliês, workshops, e cursos dos serviços educativos.

Num espaço contíguo ao Espaço Irene Vilar, existia a casa do guarda que foi transformada na Casa do Bosque, com um projeto do Arq. Bernardo Távora. Este espaço alberga desde 2010 uma cascata, da autoria de José Moreira, natural de Leça da Palmeira, doada nesta data pelo seu autor.

A mancha verde que envolve o edifício assegura um perfeito equilíbrio ao conjunto: o desenho dos canteiros, as árvores, os arbustos e o empedrado "rimam" com o edifício, numa conjugação de rara beleza. Este jardim estende-se até Porto de Leixões e à Quinta da Conceição. Estão atualmente expostas no jardim, peças escultóricas de Siza Vieira, Lagoa Henriques, Rui Anahory e Margarida Andrade.

No edifício existente no jardim, originalmente destinado às antigas cavaliariças, é possível observar o espólio que a autarquia possui de obras da escultora Irene Villar. Este espaço foi, durante vários anos, o ateliê da artista, designado na atualidade como “Espaço Irene Vilar”.

O projeto arquitetónico desta parte do conjunto dos edifícios é da autoria das arquitetas municipais Graça Diogo e Ana Crista, sendo o projeto museológico da responsabilidade da própria equipa do museu.

8. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO LOCAL.

A história de Leça da Palmeira está intrinsecamente entrosada na história do concelho de Matosinhos, uma vez que os primeiros vestígios de ocupação foram aqui encontrados e remontam à Pré-História antiga.

São vários os documentos medievais que referem a vila Gunsalvi, já no ano de 1090, pelo que concluímos que este lugar já se destacava na época, e de como ele foi evoluindo ao longo dos séculos, evolução essa testemunhada pelo património ainda existente e por outro já desaparecido, como o Convento da Conceição de Leça, extinto em 1834, a Ponte dos 19 Arcos, a Igreja de S. Miguel de Moroça, a Ermida de Santana e a Ermida da Senhora da Apresentação. Anteriormente denominada Estrada de Gonçalves, a Rua de Vila Franca, é referida nas memórias Paroquiais de 1758, como sendo uma das catorze ruas lajeadas em Leça.

O local escolhido por João Santiago de Carvalho para residência da sua família teve em consideração a importância deste “lugar”. A quinta foi habitada pela família de João Santiago de Carvalho até 1954. Após a morte de Maria Carolina Magalhães, a propriedade passou, por testamento, para as mãos de Maria Helena Magalhães Sttau Monteiro, sua sobrinha. Pouco tempo depois, a APDL expropriou a Quinta de Santiago e a Quinta da Conceição, no quadro de uma eventual ampliação do Porto de Leixões. Felizmente, em 1956, a Câmara de Matosinhos, por intermédio do então Vereador Eng.º Fernando Pinto de Oliveira (que mais tarde veio a ser seu Presidente (1958-1070)), negociou com o diretor da APDL, Henrique Shreck, o arrendamento da Quinta da Conceição, com o objetivo de a requalificar e de a transformar em parque público municipal, seguindo um projeto encomendado ao arquiteto Fernando Távora.

Nesse sentido, a Quinta da Conceição e a Quinta de Santiago foram compradas pela autarquia à APDL a 8 de julho de 1968, sendo que então a Câmara pretendia instalar uma estalagem no local, algo que não se viria a concretizar, apesar de Fernando Távora ter elaborado um projeto destinado a esse fim.

Seria já em plena democracia, em finais dos anos setenta, que Fernando Távora apresenta uma primeira proposta de restauro do edifício da Casa de Santiago. As obras arrancaram apenas em meados dos anos 80 e prolongaram-se por cerca de uma década, sempre com o arquiteto Távora a dirigir os trabalhos. Só nos anos 90 surgiu o propósito de instalar no antigo palacete um espaço museológico, que viria a ser inaugurado em 1996, precisamente um século após a construção da residência pela família Santiago.

Matosinhos, 17 de dezembro de 2020

Conceição Pires

BIBLIOGRAFIA:

FELGUEIRAS, Guilherme. *Monografia de Matosinhos*. 1958. Matosinhos.

FRANÇA, José-Augusto. *A Arte em Portugal no Século XIX. volume II: Terceira Parte (1880-1910) e Quarta Parte (depois de 1910)*, 2ª Edição, 1966. Lisboa: Livraria Bertrand, SARL.

OLIVEIRA MARQUES, António Henrique. *História de Portugal, volume III, Das Revoluções Liberais Aos Nossos Dias*, 2.ª Edição, 1981. Lisboa: Palas Editores.

PINTO LIMA, Alexandra; DÓRDIO GOMES, Paulo. *A Casa de Santiago em Vila Franca – Leça da Palmeira no Final do Século XIX*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos - Edições Afrontamento, Lda, 1996. ISBN 972-36-0400-0.

PIRES, Conceição. *Matosinhos: do paleolítico ao séc. X – Vol. 1 – n.º 3, Coleção de Estudos Matosinhenses*. 2018. Matosinhos: Seda Publicações. ISBN: 9789898735775

Contributos escritos cedidos por Luís Soares e Cláudia Almeida, coordenadora do Museu da Quinta de Santiago.

11

Câmara Municipal de Matosinhos, 17 de dezembro de 2020.

A Comissão do Património Arquitetónico e Histórico: isabel flores, Conceição Pires, António Maia.

Colaboração: Maria João Rodrigues, João Gomes.